

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- (X) EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- () SAÚDE
- () TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- () TRABALHO

O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS EM PESQUISAS "COM" COMUNIDADES INDÍGENAS

Elisangela Wilchak Queiroz¹
Letícia Fraga²

Resumo: Este trabalho diz respeito ao desenvolvimento de uma atividade extensionista de construção de instrumentos de coleta de dados junto à comunidade indígena de Mangueirinha, PR, e faz parte do projeto de extensão “Formação inicial e continuada de professores de língua em comunidades multilíngues/ multiculturais”. Posteriormente o instrumento será usado em uma pesquisa de mestrado que discute a vitalidade da língua Kaingang na referida comunidade. Acreditamos, através dos nossos estudos, que somente o trabalho "com" as comunidades é que é possível levar em consideração o ponto de vista dos indígenas sobre os estudos realizados. No ponto de vista metodológico realizamos discussões sobre língua com os indígenas participantes da pesquisa e a partir dessas discussões, construímos os instrumentos (questionário), elaborados a partir de questões eleitas pelos indígenas. Como resultado, apontou-se que esta dinâmica de trabalho é mais respeitosa em relação às comunidades indígenas, uma vez que estas podem emitir suas opiniões e apontar o que consideram relevante em relação à temática da língua, coisa que raramente é possível. Este trabalho compõe o conjunto de atividades do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI).

Palavras-chave: Levantamento de língua Kaingang. Comunidade Kaingang. Coletivo.

INTRODUÇÃO

Realizamos a atividade extensionista descrita neste texto a partir do projeto “Formação inicial e continuada de professores de língua em comunidades multilíngues/ multiculturais”. Este projeto tem como objetivo geral realizar, em conjunto com os acadêmicos de Letras participantes, um trabalho de avaliação da situação sociolinguística de comunidades multilíngues/multiculturais, em especial as comunidades indígenas do estado do Paraná. Assim, parte-se do princípio de que há um grande histórico de não respeito aos povos indígenas quando da realização de pesquisas em contexto indígenas. Segundo Silva e Grubtiski (2006):

Há inúmeros casos de pesquisadores que coletaram seus dados e nunca mais voltaram às reservas para apresentar e discutir os resultados das investigações; publicaram trabalhos sem que os próprios grupos soubessem ou autorizassem; apropriaram-se de conhecimentos da cultura e desapropriaram seus próprios donos desse conhecimento. (SILVA; GRUBTIS, 2006, P. 2).

1 Membro de projeto de extensão; UEPG; Mestrado em Estudos da Linguagem; elisangelawq@gmail.com.

2 Coordenadora do projeto de extensão; UEPG; Letras; leticiafraga@gmail.com.

Nesse sentido, a discussão que faremos neste texto corresponde à descrição de uma atividade extensionista relativa a uma pesquisa de mestrado em andamento realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEPG. Tanto a pesquisa, quanto seu desdobramento extensionista desenvolveram-se no âmbito do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI), que busca fazer um trabalho diferenciado junto a comunidades indígenas, especialmente no que diz respeito à ética.

A ideia de criar o coletivo surgiu tanto pela necessidade de organizar os trabalhos (futuros e em desenvolvimento) no sentido de concentrar esforços, como também para solucionar questões de ordem ética que inquietavam o grupo, como, por exemplo, a questão de poder registrar claramente que as ações desenvolvidas são de autoria e responsabilidade coletiva, mesmo que em determinados momentos as exigências burocráticas (especialmente acadêmicas) determinem que se tenha que definir papéis fixos às pessoas, bem como definir a hierarquia que se estabelece entre elas, a qual muitas vezes não traduz a forma como os trabalhos são efetivamente realizados (FRAGA; ANASTÁCIO; PEREIRA, 2017, p. 05).

A proposta de pesquisa é fazer um levantamento sobre a vitalidade da língua Kaingang na Terra Indígena de Manguaerinha, no PR. Para que esse levantamento pudesse ser realizado juntamente com a comunidade e de forma ética, percebeu-se a necessidade de um desdobramento extensionista, que permitisse a realização de um trabalho em conjunto com a comunidade. Somente esse trabalho em conjunto garantirá a elaboração de instrumentos de coleta de dados que levem em consideração o que os indígenas pensam sobre língua, uma vez que em geral os instrumentos são definidos unicamente na perspectiva do pesquisador, que no caso é não indígena e não tem condições de, portanto, considerar o modo indígena de compreender as línguas.

Em termos de contextualização, esclarecemos que a Terra Indígena de Manguaerinha se localiza no sudoeste do estado do Paraná e possui cerca de 1.200 habitantes segundo o último Censo (IBGE, 2010). Dentro desta T.I., existe uma comunidade Kaingang e outra Guarani, sendo que cada etnia possui sua própria língua.

Cada terra indígena possui uma realidade linguística e a realidade da T.I. de Manguaerinha vem se contrapondo a outras, pois no Paraná existem comunidades onde praticamente 100% dos indígenas falam língua indígena, como é o caso da T.I. de Faxinal, dados esses oriundos do Censo de 2010. Já na T.I. de Manguaerinha, há uma impressão coletiva de que a língua Kaingang está desaparecendo, pois muitos já não a falam no seu dia a dia, principalmente os jovens. No entanto, como os dados não são precisos do ponto de vista linguístico (FRAGA, TASSO, 2015; FRAGA, TASSO, KASTELIC, 2016), daí a proposta de estudar esta realidade, para saber suas opiniões sobre o fato de falar ou não falar a língua

indígena. E a partir de observações feitas por teóricos da área sobre o fato de os instrumentos de levantamento de dados serem muitas vezes inadequados a contextos indígenas uma vez que se baseiam em uma visão ocidental sobre língua é que se propôs que a construção dos instrumentos de dados se desse por meio de uma atividade extensionista em conjunto com a comunidade indígena de Mangueirinha, de modo que se possa levar em consideração o que a comunidade considera importante discutir a respeito de língua.

OBJETIVOS

O objetivo geral da atividade extensionista é realizar junto à comunidade indígena a construção dos instrumentos (com questões pertinentes, na visão dos indígenas) de levantamento de dados sobre a língua falada na comunidade, instrumentos esses que serão aplicados na comunidade indígena para os indígenas da T. I. de Mangueirinha/ PR, para que se possa assim fazer um estudo sobre a realidade linguística dessa comunidade indígena.

Como objetivos específicos, propõe-se realizar uma discussão sobre língua, para assim saber o que é relevante para os indígenas que residem na Terra Indígena de Mangueirinha/ PR sobre este tema; propõe-se também elaborar um questionário-base com perguntas referentes à língua indígena e portuguesa para avaliação da comunidade indígena de Mangueirinha/PR.

METODOLOGIA

Para realizar a atividade extensionista nos moldes mencionados, primeiramente fizemos contato com as lideranças da comunidade indígena de Mangueirinha/PR, para agendar uma visita a comunidade. Chegando lá, explanamos para os indígenas interessados quais os objetivos da atividade. Convidamos professores indígenas para participar desta atividade, deixando em aberto para que qualquer indígena morador da T.I. de Mangueirinha pudesse participar também. O local considerado mais propício para fazer a apresentação da atividade em um primeiro momento foi a escola, pois no nosso entendimento este era um ambiente que se poderia reunir todas as pessoas interessadas em participar do trabalho. No entanto, como a pesquisa foi planejada no intuito de trabalhar "com" a comunidade, em alguns momentos fomos levados para outros caminhos os quais entramos em consenso no momento da visita juntamente com os participantes, realizando desta forma parte do objetivo proposto para este trabalho. Uma das decisões que tomamos foi de rever a ideia inicial de reunir todos na escola, em razão das atividades da escola e dos participantes da pesquisa.

Fomos então conversar com os professores indígenas que se mostraram bem receptivos à pesquisa, pois têm um grande interesse em discussões sobre língua e cultura.

Depois de explanar os objetivos da atividade para os participantes, foi elaborado em conjunto com os indígenas os instrumentos de coleta de dados contendo as perguntas que estes acham pertinentes em relação à língua indígena e língua portuguesa. Surgiram várias perguntas relacionadas principalmente à preocupação dos indígenas com relação ao resgate da língua indígena Kaingang, visando à realidade da Terra Indígena de Mangueirinha em que muitos já não falam a língua indígena principalmente os mais jovens. Depois de pronto este questionário, voltamos à comunidade e aplicamos os instrumentos elaborados na comunidade. A aplicação dos instrumentos dará continuidade à pesquisa de Mestrado, que objetiva fazer um levantamento sobre a vitalidade da língua Kaingang na Terra Indígena de Mangueirinha/PR.

RESULTADOS

Os resultados encontrados dizem respeito a como a proposta de atividade de construção em conjunto dos instrumentos de levantamento de dados junto à comunidade foi recebida por alguns membros da comunidade com os quais se entrou em contato no sentido de observar como a atividade seria recebida.

Estes mencionaram que se trata de uma forma mais respeitosa de conduzir trabalhos, que possibilita que os indígenas efetivamente participem do trabalho, tendo sua opinião e julgamento levados em consideração, uma vez que muitas vezes respondem a questionários com perguntas “sem sentido”, porque não foram elaborados visando à forma como o indígena compreende o fenômeno da língua e o que esta significa para eles.

Observamos também a questão da importância da língua materna para os indígenas: a língua materna é a língua indígena, independentemente se eles a aprenderam primeiro ou depois, na escola, ou mesmo se não a falam ou falam pouco. (NASCIMENTO, 2014). Esta questão ficou muito evidente nas discussões que tivemos com os participantes, pois nas perguntas do questionário quando se referiam a língua indígena Kaingang, falavam dela sempre como a língua materna. Quando questionamos sobre a forma como a pergunta estava formulada, eles nos disseram que, quando aplicássemos o questionário, se nos referimos à língua materna todos entenderiam como língua indígena Kaingang. E foi exatamente o que aconteceu quando aplicamos o questionário na segunda parte da pesquisa e segunda visita à comunidade. Também se falou muito com relação à possibilidade de os adultos aprenderem a

língua indígena, mas para estes comentou-se que a metodologia de estudo deveria ser mais oral, pois inclusive muitos são analfabetos, o que dificultaria a decisão de ir até a escola aprender nos métodos tradicionais. Além disso, a cultura indígena é essencialmente oral, ensinar com ênfase na oralidade, segundo eles, seria um caminho. Estas são algumas das perguntas elaboradas para o questionário:

- 1) Qual a importância da língua materna para você? (Pergunta elaborada pela professora Édina Fidelis)
- 2) É importante as pessoas adultas aprenderem a língua materna? (Pergunta elaborada pelo professor Alcides Rodrigues da Silva)
- 3) Você acha importante a educação bilíngue dentro da comunidade e na escola? (Pergunta elaborada pela professora Glória Cornélio Ferá)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este texto nos propomos fazer uma discussão sobre a proposta de um desdobramento extensionista para uma pesquisa sobre língua indígena junto aos indígenas da T.I. Mangueirinha/PR. Esta atividade de extensão visa possibilitar o desenvolvimento de um trabalho efetivamente “com” comunidade indígena e não “sobre”, de modo que resultou na construção de instrumentos de coleta de dados sobre língua adequados à realidade da comunidade (que depois de prontos foram aplicados à comunidade, para que pudéssemos dar continuidade à pesquisa de mestrado, cujo objetivo é fazer um levantamento linguístico da comunidade referente à língua indígena e portuguesa).

Além disso esta atividade de construção dos instrumentos elaborados juntamente com os indígenas possibilitou identificar os conceitos de língua na visão dos indígenas, que se referem à questão da língua materna, à importância desta língua como identidade indígena. Por isso, levantou-se a questão de também os adultos estudarem a língua. Além disso, mencionou-se a importância da educação bilíngue, pois eles reconhecem que a língua indígena é importante enquanto identidade e a língua portuguesa enquanto língua utilizada fora da Terra Indígena.

REFERÊNCIAS

CENSO 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>>. Acesso em: 29 de mar. 2018.

FRAGA, L.; ANASTÁCIO, J. PEREIRA, R. **CURSO DE LÍNGUA KAINGANG: PROTAGONISMO INDÍGENA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**. 15º Conex Conversando sobre extensão. 2017, Ponta Grossa. Anais eletrônicos...Disponível em:<http://sites.uepg.br/conex/anais/anais_2017/assets/uploads/trabalhos/07102017_000730.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.

FRAGA, L.; TASSO, I. E. V. S. A realidade linguística das comunidades indígenas do Paraná: o que dizem os dados do Censo Demográfico. In: **XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA**, 2016, Campo Grande. ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA. Campo Grande: CBLA, 2015. p. 150-162.

FRAGA, L.; TASSO, I. E. V. S.; KASTELIC, E. S. D. A realidade linguística das comunidades indígenas do Paraná. In: AMARAL, Wagner Roberto do; FRAGA, Letícia; RODRIGUES, Isabel Cristina. (Org.). **Universidade para indígenas a experiência do Paraná**. 1ed.Rio de Janeiro: FLACSO/LPP-UERJ, 2016, v. 1, p. 157-170.

MOTA, T. L.; ASSIS, de S. V. **Populações Indígenas no Brasil: história, cultura e relações interculturais**. Maringá, 2008. 134 p.

NASCIMENTO, M. A. **Apontamentos críticos sobre concepções de linguagem na formação superior de docentes indígenas: diálogo intercultural como diálogo interepistêmico**. 2014. Disponível em:<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6441>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

NASCIMENTO, M. A. **Plurilinguismos Indígenas no Mundo Globalizado**. 2017. Disponível em:<[file:///C:/Users/Elisa/Downloads/70481-309045-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Elisa/Downloads/70481-309045-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2018

SILVA, da C. P. M.; GRUBTIS, S. **Relações Éticas em Pesquisas com Populações Indígenas**. Publicado em “Psicologia Ciência e Profissão”, vol. 1, p. 46-57, ISSN 1414-9893, Brasília, 2006.